

ARLINDO DANIEL

# Órfão de pai vivo

---

A cultura que nasceu meu pai  
deixou-lhe **órfão de humanismo.**

ARLINDO DANIEL

# Órfão de pai vivo

---

A cultura que nasceu meu pai  
deixou-lhe **órfão de humanismo.**

**Copyright©Arlindo Daniel, 2023**

**Título:** Órfão de Pai Vivo

**Autor:** Arlindo Daniel

**Facebook:** Arlindo R. Daany Kb

**E-mail:** arlindod381@gmail.com

**Edição e Paginação:** Embondeiro Editora

**Execução gráfica:** Embondeiro Editora

**Tel:** +244 926 454 647

**E-mail:** editoraembondeiro@gmail.com

**Design de capa:** Bondi Kiala

**Revisão:** José Kaia

**Marketing e publicidade:**

Kuvala: Serviços de Psicologia e Educação

C.Á.T.E.D.R.A M.A.S

**1ª Edição:** Luanda, 2023

**ISBN:** 978-989-53736-4-2

---

É expressamente proibida a reprodução de qualquer parte do texto, seja por quaisquer meios, sem autorização por escrito do autor.

## DEDICATÓRIA

Dedico este livro aos meus pais Fernando Daniel (em memória) e Priscila Lote, ao meu irmão Mário Bongue (em memória), e para minha filha Arliandra Daniel, pelo amor, dedicação e inspiração concedida, que me transformou em cosmopolita mental.

Em memória do meu santo avô Daniel Lukassa, e do meu eterno amigo Mateus Flora Sambowe “Pablo Scobar”.

## A G R A D E C I M E N T O S

Agradeço primeiramente à Deus pela vida, ao meu pai Fernando Daniel (em memória) e especialmente a minha mãe Priscila Lote, por dar tudo de si e mais alguma coisa para apostar no meu sonho.

Agradeço aos meus segundos pais Pascoal Amaro Luís e Angelina Pedro, pelo apoio imensurável. A minha querida filha Arliandra Daniel e à toda minha família. Agradeço a enfermeira Rodrina Wandi, Dr. Jacob Wilson Daniel, Domingos Lote Daniel, Júlio Muenho, Dinis Canganjo, Lourenço Daniel, Sofia Joana, Faustino Cufa, pelos conselhos e apoio.

Agradeço aos meus amigos, particularmente, ao filipe Rangel, Chano Ferrasso, Isaac Valeriano, Fineza Valeriano, Domingos José, Terêncio Sony, Josemima Domingos, Angelica Henda, José Chiyaya e Isaías Gabriel, por tudo que fizeram e têm feito por mim. Ao Ph.D João Chimpolo, Dra. Ana Barros, Gestor Edson Jorge, Professora Josefa da Gama, e ao meu amigo pessoal, Mister Mário Sakossengue pelo reconhecimento intelectual, pelos conhecimentos e

incentivo incondicional que têm dado. Minha profunda gratidão ao meu tutor e mestre Pedro Gonçalo.

Agradeço igualmente, ao Dr. Manuel Marcolino, Alves Candelei e Nuno Custódio, pela parceria. As minhas eternas escolas: Os Caixa–Baixa, Sporting Club Petróleo do Bié, Liceu Samuel Lussaty, Instituto Superior Politécnico Atlântida, à C.Á.T.E.D.R.A M.A.S, e ao Grupo Teatral Arte Enciclopédica, pelas experiências absorvidas.

Agradeço à equipa da Embondeiro Editora, em particular ao Dr. Lourival Miguel, pela oportunidade de publicar este livro.

*“O temor à Deus é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do virtuoso é prudência”*

**(Provérbios 9:10)**

## ORFANDADE

\*\*\*

NOITE FRIA NA PEQUENA COMUNA DE LUKASSA, onde tudo crescia superfluamente, o capital humano era alienado, formatado e robotizado. A esperança era madrasta, a fome era vista como uma amiga verdadeira e chata, presente em todos os momentos. A fofoca unia mais o povo do que a própria paz rudimentar que eles tinham para pensarem em ideias de desenvolverem Lukassa.

O administrador da comuna, um verdadeiro vedeta, um nirvana e sultão, pois, só vendia dois sonhos ao seu povo, o de serem professores ou enfermeiros. A comuna sobrevivia desses dois exercícios profissionais, para além da única escola do ensino de base número 1975, construiu



simplesmente duas instituições de ensino médio, escola Uwayele e Kolonguissa. Ora, quem sonhasse em ser piloto, engenheiro, arquitecto, gestor e outras profissões mais, para além de ser professor e enfermeiro, era visto pela população como um indivíduo bárbaro, sem futuro, insensato e desequilibrado.

O alvorecer, estava tão lindo e promissor, o brilho do sol assemelhava-se as bolas de cristais, sentado no seu pequeno banco, por baixo da majestosa mangueira, Vitangue, decidiu conversar com o seu pai Capóko, para apurar de perto o jeito desdenhado, indiferente e simplório que demonstrava para com ele.

Aproveitando o momento que o seu pai estava ao seu lado, na parte sul do quintal de casa, sentado numa cadeira feita de madeira, na mão direita segurava um copo de vinho, na mão esquerda, um cigarro fazia companhia aos seus dedos, para alimentar os pulmões que esperavam pela primeira refeição do dia, pendurado em um tronco da mangueira, estava o rádio que tocava a música “o poder de um pai”, alimentando sua alma e personalidade.

— Pai! — interrompeu o silêncio — quero conversar com o pai, é possível? — perguntou Vitangue.

— Queres falar o quê você mesmo!? — respondeu Grosseiramente, senhor Capóko.

— Tenho algumas perguntas para fazer ao pai, e talvez seja o último dia — destemidamente, Vitangue respondeu olhando ao pai.

— Não podes falar assim com o mais velho é falta de respeito — introduziu — fala rápido, porque quero ficar sozinho e a continuar com a minha convivência — concluiu senhor Capóko, com a testa enrugada e os lábios esticados para frente.

— Está bem, pai. Desde então, tenho notado, aliás, é do conhecimento de todos que eu sou o filho que o pai menos gosta entres todos os seus filhos. E, hoje, gostaria de saber o porquê? — Vitangue, perguntou.

— Mas porra, Vitangue! Queres mesmo saber? — perguntou senhor Capóko depois de dar o seu primeiro golo no copo de vinho.

— Sim, pai! Quero entender os reais motivos que fazem com que o senhor aja dessa forma. — disse Vitangue, com o rosto tristonho.

— Olha, Vitangue! Tu és o meu filho biológico, Mas, não te considero como meu filho. — friamente, com o cigarro na mão direita, senhor Capóko fez saber seu pensamento.

Vitangue, ao ouvir as duras palavras de seu pai, baixou a cabeça e tentou se concentrar para não chorar, porque desde aquele momento, estava a receber palavras bastante tensas. Recomposto, levantou a cabeça lentamente para terminar de ouvir de uma vez por toda as palavras de seu pai.

— Pai! Me explica só o porque disso tudo. Por favor! — perguntou Vitangue com lagrimas nos olhos.

Antes que o senhor Capóko respondesse a pergunta de Vitangue, uma das irmãs, ouvindo os choros, abandonou o caderno que estava a revisar para a prova de educação moral e cívica e, se aproxima até a área sul do quintal, onde o pai e o irmão estavam sentados.

— O quê que se passa então, Vitangue? — perguntou Chissola irritada e pávida.

Vitangue estava triste e muito nervoso, não teve tanta paciência para responder sua irmã que chegou com uma atitude desprovida de ética. Parecia até, que a matéria que ela estava a revisar só servia mesmo para aplicar na

prova de exames e não na vida quotidiana, e o senhor Capóko um pouco ébrio decide explicar:

— Esse teu irmão Vitangue, ia beber uma de red bull e lhe deu asas para voar até aqui, e me perguntou, o porquê que não lhe gosto. Mas, como ele quer saber, eu vou lhe falar — esclareceu desavergonhadamente, senhor Capóko.

— Aiê! tenha bondade, pai. — em tom de nervos, respondeu Vitangue.

— Mas, Pai! Tens Certezas do que queres fazer? — perguntou a irmã.

— Claro que sim, minha querida filha. — respondeu, senhor Capóko carinhosamente apertando e acariciando lentamente a mão esquerda da filha.

— Está bem então, Pai. — a irmã de Vitangue, saiu junto deles e voltou a sua actividade.

O silêncio fez companhia ao pai e ao filho, que aproveitavam para reflectir a vida por baixo da sombra da mangueira que, de quando em quando, deixa cair alguns frutos maduros e saborosos.

— Ok! Em quanto a ti, seu ordinário do Vitangue, ouça muito bem o que vou te dizer. — interrompeu o silêncio, senhor Capóko.

Vitangue, limpou as últimas gotas de lágrimas que caíram dos seus olhos e olhou para o seu pai e fez cara de menino mimado. Mas infelizmente, o seu pai, para não variar, mostrou uma cara séria.

— Estou de ouvidos! — Exclamou desdenhosamente, Vitiangue.

— Já que insistes, está bem! É assim, quando a sua mãe engravidou de você, foi um momento de alegria tal como foi de outras dos teus irmãos — introduziu senhor Capóko — lubrificou os lábios com vinho Gaivota, e continuou — já não te considero mais como meu filho, porque tu se colocaste na vida das delinquências. Lá No teu bando de marginais denominado “Os Lukassa Squad” — concluiu, senhor Capóko.

— Mas, pai! Isso não tem nada haver — interrompeu Vitangue.

— Ó seu macaco, não me interrompe mais, pha! — esbravejou senhor Capóko.

— Pa, Pa, Pa, Pai! — disse Vitangue gaguejando, chateado e ansioso.

— Ó seu ordinário, já te disse! Não me faz perder a paciência — avisou o senhor Capóko.

— Já não vou mais interromper. Pode falar, pai — pediu Vitangue.

— Como estava dizendo, desde que os teus irmãos começaram a estudar contigo, nunca reprovaram, e nem sequer desistiram nenhum ano na escola. Mas quanto a ti, já desististe várias vezes, reprovaste algumas vezes, portanto, os meus filhos são aqueles que me obedecem, estudam e têm futuro — terminou com a confissão, senhor Capóko.

Desta feita, senhor Capóko, terminou de beber todo vinho que estava no copo, para manter o equilíbrio tanto na conversa que estava a ter com Vitangue, como o seu processo de embriagues. Para ouvir e encarar a reacção de Vitangue, senhor Capóko serviu mais um copo de vinho, deitou a beata do cigarro e aproveitou tirar no bolso da calça mais um cigarro para manter o ambiente equilibrado.

— Isso é verdade, pai? — perguntou desolado, Vitangue.

— Claro que sim! Não é isso que querias ouvir?! Então ouviste. — respondeu senhor Capóko.

— Pai, eu não desisti e nem reprovei da escola porque eu não sei nada — salientou — mas porque eu perdi o

interesse em estudar para ser professor e enfermeiro. — finalizou.

— Você é um maluco, seu bastardo — começou por criticar — você será um feiticeiro, isso sim — amaldiçoou senhor Capoko.

— Eu não serei bruxo nem feiticeiro, eu quero ser diferente dos jovens dessa comuna — esclareceu — sonho com um mundo melhor para mim e para minha comuna — concluiu Vitangue.

— Na família nunca houve pessoas desordeiras como você. Eu sou filho de enfermeiro, e neto de professor, e você será o primeiro desgraçado a querer mudar isso?! Estou com muitas dúvidas que és meu filho, dessa forma não é possível, raça víboras! — terminou furioso, senhor Capoko.

Vitangue, com o coração magoado, desiludido e muitíssimo chateado, estava a digerir as grandes verdades que o seu pai proferiu. Ficou em silêncio durante três minutos, a reunir consigo mesmo. Enquanto o pai, aproveitava fumar o cigarro.

— Pai, o seu filho é só aquele que estuda para ser enfermeiro ou professor? Te obedece e tem bom futuro? Ou, é Aquele que tem o seu sangue? Nome? E que

independentemente do que ele seja, tens e deves aceitá-lo, amá-lo, e de forma imensurável, deves lutar para moldá-lo de conduta até ao fim? — perguntou Vitangue, seriamente.

A pois dessas perguntas feitas em uma, Vitangue, olha para o pai, com um semblante revestido de vários sentimentos que reflectiam desagrado, desapontamento, ingenuidade, e como se não bastesse, a compreensão de que o seu pai não estava a desempenhar com o seu dever de pai no verdadeiro sentido. Porém, o senhor Capóko quando encarou as perguntas, ficou a passar a sua língua tipo gravata nos seus lábios degradados com álcool.

— Ó! Ó! Ó seu ordinário! Você assim, vais me ensinar a ser pai? Tu pensas que és o quê na minha perante? — perguntou senhor Capóko, chateado e gaguejando de raiva.

— Sei que não sou ninguém perante o pai. Mas apenas, sou um pioneiro da consciencialização que está passando no meio de mais velhos falhados que pensam que filho legítimo é aquele que deve ter a cara, o comportamento, ser o que o pai é, ter tudo igual do pai e não ser único, exclusivo e diferente de todos. — respondeu Vitangue inteligentemente.



Senhor Capóko, incrédulo das palavras que o seu filho Vitangue proferiu, ficou perplexo e sobretudo, nas umas palavras. Lentamente, pousou no chão o seu cigarro e pisou com a sua sandálias preta, em que na qual apelidou de prima de judas.

— Vitangue, já que você é mais pai do que eu, e por isso, que não me obedeceste, de hoje em dia, esquece que um dia fui o teu pai — começou por determinar, senhor Capóko — e, antes que não racho a sua cabeça oca com este copo, desaparece dos meus olhos, e vai para sua vida, seu bastardo. — expulsou.

— Mas, pai! Isso é motivo para me expulsar definitivamente da sua vida? — perguntou Vitangue.

— Sim, é motivo! Olha, Oh Vitangue! Estou a perder a paciência contigo. É melhor você sair daqui, sai daqui seu macaco. — ameaçou, senhor Capóko.

— Olha só para você! Nem parece que tens a mesma idade com o filho do Meu compadre Capalama. Inclusive, vocês nasceram no mesmo mês, começaram a estudar o ensino primário juntos — disse o senhor Capóko — mas hoje, vos vendo juntos, parece Jesus Cristo num lado e Satanás do outro lado, ou seja, um é o patrão e o outro é o

seu compincha, quem me dera se tu fosses como ele! — acrescentou, senhor Capóko.

— Eu sempre disse ao pai, não gosto que me comparem com ninguém, até porque, eu nunca comparei o pai com nenhum pai de um dos meus amigos. Pois, sei que os pais são semelhantes uns aos outros e não iguais. — Retorquiui Vitangue.

O senhor Capóko pegou no pescoço de Vitangue, em jeito de um enforcó e empurrou-o da zona sul do quintal até ao portão, logo começou a dizer:

— Vai na sua vida, e nunca volte a colocar jamais os seus pés cá na minha casa! Seu macaco! — disse raivoso, senhor Capóko.

Aterrorizado, antes que fosse embora definitivamente, e tendo em conta a pulsação que a suposta boa conversa amena entre pai e filho, infelizmente desembolsou em um rumo dramático, portanto, Vitangue olha para o seu pai e para se despedir dele definitivamente, proferiu as seguintes palavras:

— Eu vou me embora, mas não te esqueça de uma coisa, meu pai. Mas, saiba que, o carácter de uma pessoa, não está naquilo que a maioria das pessoas aparentam ver,

mas sim, naquilo que a minoria das pessoas vê realmente — começou por dizer Vitangue — por outra, aprendi com alguns mais velho na rua que “não dá para assobiar na boca alheia,” entretanto, uma inteligência ligada ao egocentrismo, arrogância, maldade e ao perfeccionismo, não supera uma ignorância legítima. — concluiu Vitangue.

— Bonhonho! Bonhonho! Bonhonho! Vai lá pastar bois! Pha! — vaiou senhor Capóko, com os pulsos cerrados.

— Podes abusar, pai! De hoje, em diante, meu pai, te prometo que um dia, eu serei o filho que mais irás te orgulhar, diferente desses teus filhos que tu dizes que estudam, são obedientes, e sobretudo irão te ajudar na sua velhice e garantir o teu futuro, eu vou levar o seu nome ao conhecimento de todo mundo. — prometeu Vitangue.

— Você! Um dia me ajudando! Kia! Kia! Kia! Jamais! — sorriu e desprezou a promessa de Vitangue, senhor Capóko.

— Saiba que o mundo dá voltas, e também sei que Deus é pai e não padrasto, vai se responsabilizar em me afortunar. Mais uma vez te digo, meu pai, hoje, sou o seu maior problema, mais um dia, vou resolver todos os seus problemas. — Disse Vitangue em forma de despedida.

— Podes ir, seu ordinário, você jamais será alguém, e eu, é que te digo mais, nunca vou precisar de você. — sentenciou, senhor Capóko.

## A BÊNÇÃO DE TER UM AMIGO

\*\*\*

DESOLADO E CHORANDO, Vitangue, abandona coercivamente uma das casas de seu pai, onde tiveram a triste conversa, andava sem rumo e sentia que o seu mundo estava todo acabado, ora, muitas perguntas que não se calavam em sua cabeça começaram a se manifestar, dentre elas são: O que será de mim daqui para frente? Como vou me sustentar? Para onde vou? De repente, decidiu ir em casa de seu melhor amigo, Salubongo, para tentar se acalmar e absorver alguns conselhos por parte deste.

Bem próximo ao portão da casa de Salubongo, olhou demoradamente, reflectiu e enxugou as lágrimas. Já meio recomposto, bateu o portão.

— Como vai, meu irmão de mãe diferente? — Cumprimentou Salubongo alegremente, depois de abrir o portão.

— Não estou lá muito bem, meu irmão. — respondeu Vitangue, correspondendo ao abraço.

— Oh! É verdade, não estás mesmo bem, até nota-se logo que seu semblante não está a transmitir bem-estar emocional. Já agora, fala para mim, o que se passa, meu amigo? — Perguntou Salubongo preocupado, convidando o amigo para sentar-se.

— Olha, na verdade, não sei por onde começar, meu amigo — lamentou, Vitangue.

Preocupado com o estado do amigo, salubongo levantou da mesa, caminhou até a cozinha, serviu um copo com água natural e ofereceu ao amigo, que rapidamente levou a boca. O tremer dos braços e lábios de Vitangue ecoavam pela pequena sala de estar.

— Fique à vontade, estou aqui consigo, meu bom amigo — recebeu o copo — podes falar quando sentir-se melhor. — Salubongo confortou o amigo.

— Essas horas, estou saindo de uma conversa com o imbecil do meu velho, e infelizmente terminou em drama —

começou por dizer Vitangue — só fiz algumas perguntinhas e o gajo disse-me algumas palavras que magoaram o meu coração. Como se não bastasse, acredito que nenhum pai no Mundo com a mente sã, é capaz de falar ao seu filho o que meu pai me disse. — Vitangue voltou as lágrimas e soluços de dor.

— Eh! Amigo, agora me deixaste triste e curioso, o que disse o seu pai então? — perguntou sem rodeios Salubongo.

— Meu pai disse-me várias coisas más, mas vou resumir. Ele disse que eu sou um crápula, um sem futuro, devido o estilo de vida de delinquência que estou — começou por desabafar Vitangue — e como se não bastasse, terminou em dizer que eu não sou mais filho dele, porque eu não lhe obedeco como os outros filhos que ele tem — concluiu Vitangue com uma sensação de alívio.

Salubongo, na sua sensatez olha, para o seu amigo e em seguida baixa a cabeça cogitando intensamente sobre o que iria falar ao seu grande amigo, mas de repente, lembrou de uma frase que o seu tio havia lhe tido que era “Nunca se pergunta qual é o sexo de um cão, porque o cão já anda

pelado, apenas pergunta-se pelo acto dele”, baseando-se nesse princípio, Salumbogo procura saber mais detalhes.

— Irmão, o seu pai disse mesmo isso? — perguntou Salubongo, seriamente.

— Claro que sim, Meu amigo! Eu até não queria acreditar, mas, infelizmente eu ouvi mesmo com os meus ouvidos. — esclareceu Vitangue.

— Se teu pai te disse isso, deve ter as suas razões. — rebateu corajosamente, Salubongo.

— Sim, é possível que ele tenha as suas razões, mesmo assim, o kota me confundiu muito, ché! — Comentou Vitangue.

— Como assim te confundiu muito, meu amigo? — perguntou Salubongo.

— Vê só, Mesmo depois dele falar aquelas palavras. Tu achas mesmo que aquele meu suposto pai, merece o meu valor, respeito e admiração!? Eu nunca quero ver mais aquele psicopata na minha vida. — perguntou Vitangue com muito rancor.

— Irmão! Para ser honesto contigo, na condição de seu amigo, espero que não se escandaliza com o que vou te falar agora — começou por dizer Salubongo — em parte, o



seu pai tem razão por ter te falado aquelas palavras, por outra parte, ele errou por não ter sido elegante contigo — Salubongo concluiu com honestidade.

Tendo ouvido bem as palavras que seu amigo proferiu, Vitangue agarra no copo que havia bebido lá água que estava sobre a mesa, e atira agressivamente na parede da sala e, ao quebrar o copo, uma das migalhas atinge o rosto de Salubongo e gerou uma ferida ligeira. Concomitantemente, Vitangue sai da sala, vai para o quintal e sob a sombra de uma bananeira senta e começa a reflectir, depois de seu amigo, Salubongo ter deitado a pedra de gelo porque não estava a fazer efeito, limpou o sangue no seu rosto, e foi ao encontro dele que estava muitíssimo irado e cabisbaixo, porém Vitangue não aguentou conter a ira, resolve desabafar.

— É porque você nunca passou na mesma situação que eu. Sempre tiveste o apoio dos teus pais, seu bolo e leite, hoje agora, dou razão na minha falecida Avó quando me falava, “Cove cove, co ku sangela há cipako co<sup>1</sup>”, e o que o meu Tio também dizia, “o burro quando se cansa, morde quem está a lhe fazer peso”. — fez uma pausa, suspirou e

---

<sup>1</sup> O que é teu é teu, da sociedade não é teu.

continuou — eu sempre pensei que fosses meu amigo de verdade, afinal estava enganado! — exclamou tristemente, Vitangue.

— Meu irmão, não vou dar a mínima em todas as palavras que acabaste de dizer ao meu respeito, porque entendo perfeitamente a situação que estas a passar, eu quero que saiba, sou e sempre serei o seu melhor amigo, será que podes me deixar se explicar o motivo de dar razão em parte ao seu pai? — Salumbongo perguntou pegando suavemente nas mãos de seu amigo e olhando seriamente nos olhos dele.

Depois de ficar um pouco calmo Vitangue, face o rumo que a conversa tomou, para tentar a calmar o astral de seu amigo, Salumbongo, pensou em contar um enigma que leu num livro intitulado “fecha a boca e abre a mente” escrito por um autor surdo e mudo, apelidado “o eclipse literário,” todavia, começou por dizer ao seu amigo.

— Está bem, Meu irmão! Antes de tudo, quero te contar um enigma, e depois vou pedir o seu parecer, combinado? — Perguntou Salumbongo em jeito de uma conversação.

— fala já! — consentiu Vitangue.

— *Havia um homem de nome Mununga numa cidade, e tinha cinco cães, e esses cães tinham a missão de todos os dias caçar alimentos as manhãs no zoológico da sua mansão. Mas só que dentre os cinco cães, no princípio se comportavam bem, e depois de um tempo, um dos cães que não era o cão predilecto do rico, parou de ir á caça com os outros cães. — começou por contar, Salumbongo — certo dia, o Mununga desanimado com o cão que não gostava de ir na caça, açoitou-lhe uma semana completa, e no oitavo dia expulsou-lhe de sua casa. O cão quando foi para rua, entendeu que ele, foi açoitado devido os alimentos que não trazia da caça, e porque o alimento que os outros cães traziam é que alimentava todos de casa inclusive ele. O cão quando foi vivendo pelas ruas, sem ninguém para caçar por ele para poder se alimentar. Começou á caçar alimentos e os melhores alimentos em relação aqueles que na casa onde ele saiu e se tornou o melhor caçador entre todos o cães que existia na cidade que eles viviam. Um tempo mais tarde o zoológico do Mununga ficou descomposto e o alimento terminou; todos cães não tinham mais onde caçar porque somente foram treinados e mostrados um local para caçar. E um dia desses, o cão que foi expulso pelo Mununga, veio*

*agradecer o rico com muitos alimentos por ter lhe expulsado da sua mansão, porque se não ele também estaria nas condições que os outros se encontravam e o Mununga se maravilhou e arrependeu-se amargamente* — concluiu com o enigma, Salubongo.

Os amigos ficaram em silêncio. Salubongo observava minuciosamente o momento de reflexão de seu amigo.

— Então, meu amigo, tenta me responder com muita franqueza, quem foi que treinou o cão menos querido? Por que foi expulso? Para se tornar o melhor caçador da cidade o que foi preciso fazer? E achaste justo o cão menos querido ter voltado a casa do Mununga para agradecer? — perguntou Salubongo, para ajudar no processo de reflexão.

— É claro que quem treinou-o foi o Mununga, e foi expulso porque dentre todos os cães, ele era o mais preguiçoso, e para se tornar o melhor caçador da cidade tinha que aprender rapidamente com as dificuldades das ruas. — respondeu Vitangue.

— Será que é isso, meu amigo? — questionou mais uma vez, Salubongo.

— Eu acho que sim, Salubongo. Porque, para ele sobreviver nas ruas, só dependia de si próprio e de mais ninguém. — disse Vitangue, com uma certeza um pouco embaraçosa.

— Bravo! Estou gostando das suas respostas. — confessou Salubongo, batendo palmas.

— Obrigado, amigo. E a última pergunta, acho justo ele voltar para agradecer porque apesar de tudo, ele mostrou ser um cão de muito valor, culto e por mais imprevisível que fosse, deu uma lição no seu criador Mununga. — Vitangue, respondeu inteligentemente.

— Minha nossa, Vitangue! Surpreendeste-me com as suas respostas. Na verdade, a desmitificação do enigma é exactamente isso que acabaste de falar, contudo, quando me falaste sobre a tua situação e do seu pai, eu disse que, o seu pai tinha razão em parte, por ter expulsado. — disse Salubongo, em forma de fazer entender o amigo.

— Obrigado, amigo. Upsi! Desculpa-me, não queria interromper. Mas, vai lá! Termina com o teu raciocínio — pediu Vitangue.

— Sem problemas, meu amigo. — disse Salubongo compreensivamente. — bem, continuando, é porque esse

enigma, reflecte parcialmente a tua situação, onde você é o cão menos querido, Mununga, é o seu pai, os outros cães são os seus irmãos. — fez uma pequena pausa, e continuou — pois só cabe a ti se vais fazer com que o enigma tenha o reflexo absoluto na sua vida tal como do cão menos querido ou vais simplesmente deixar o seu pai ter razão por tudo que te fez — incentivou Salubongo.

— Meu amigo. Grato pela dica que me deste! — agradeceu Vitangue com um coração sincero.

— Imagina, meu amigo, isso não é nada. Olha, jamais te esqueça que nem sempre o sucesso da família está no mesmo lugar e nem nos métodos que a família utilizou para sustentar as gerações passadas — acrescentou Salubongo.

— Meu amigo, olha, jamais ninguém havia me feito isto que acabaste de fazer comigo, tu fez com que eu sentisse que afinal na minha cabeça existia um cérebro, no meu peito um coração — confessou Vitangue.

— Está bem, meu Irmão. Tenta colocar a sua cabeça no devido lugar. — recomendou Salubongo com um brilho no olhar repleto de muita esperança e confiança.

— Nunca vou me esquecer disso, meu amigo. Porém, já vou, até mais tarde, se cuida. — despediu-se Vitangue dando um forte abraço ao seu amigo.

— Vai com Deus! — abençoou Salubongo — Manda cumprimentos para a sua família. Especialmente, a tua mãe a tia Cunje, contudo, considera tudo aquilo que falamos hoje. E, tenta mesmo colocar pensamentos positivos na sua cabeça — concluiu.

## ASSALTO AO CORAÇÃO

\*\*\*

VITANGUE, CAMINHAVA SEM RUMO E SEM DIRECÇÃO. Logo, lembrou-se que no bolso direito do seu calção havaiana, com um pequeno remendo na parte das nádegas, e seu auriculares de cor vermelho que também estava remendado e o telemóvel branco, de marca yiuntong, visor quebrado, com digital a falhar, a bateria era adaptada e foi fabricado na China. Colocou os auriculares nos ouvidos, conectou com o telemóvel, entrou nos aplicativos do seu telemóvel, clicou no aplicativo de músicas, escolheu a sua música predilecta do músico Brigadeiro Dez Pacotes, intitulada “nada vai bem”.



Vitangue, com os seus únicos duzentos kwanzas da vida no bolço, resolveu passar no melhor restaurante da comuna de Lukassa, de cor azul celeste, primeiro andar, ornamentado com mobílias europeia e asiática, portas de vidraças e automáticas, situado a beira da rua principal, com a vista de toda cidade da comuna.

Posto no restaurante, ao se aproximar da porta, abriu-se automaticamente, com o pé direito entrou, e ao entrar, as pessoas que estavam no restaurante, olharam-no com desdém, devido a sua apresentação. Mas, em uma das mesas do restaurante, estava sentado um dos seus contemporâneos chamado Manongo com as suas Primas Délcia, de tom de pele clara, e Belza a negra com muita classe, pois vinham de uma cidade muito urbanizada.

Quando Manongo viu o Vitangue a entrar pelo recinto do restaurante, dirigiu-se rapidamente próximo dele para recebê-lo de maneira amigável. Os amigos felizes pelo reencontro, trocaram muitos apertos de mãos e abraços, e disseram um ao outro palavras cívicas e recheadas de respeito que tinham um pelo outro.

— Seja bem-vindo, meu amigo do barulho. Não contava contigo aqui, é muito bom ver-te de novo — disse Manongo.

— Obrigado, irmão. — agradeceu Vitangue.

Como tens passado? — perguntou Manongo.

— Não tenho passado tão bem. E você, amigo? — perguntou Vitangue.

— Eu tenho passado bem, graças á Deus. Espera aí! Disseste que não tens passado bem, o que se passa contigo? — perguntou Manongo.

— Olha Manongo, tenho passado por várias situações menos boas. Numa outra ocasião te conto com mais detalhes sobre tudo que aconteceu porque não estou disposto para falar sobre isto agora, me desculpa. Mas, nesse preciso momento, quero ficar só um pouco sozinho, ora, passei cá simplesmente para pegar uma garrafa com água para matar a sede. — esclareceu Vitangue.

— Está bem, meu amigo. Tudo vai ficar bem! — Manongo compadeceu-se com a situação de seu amigo e continuou — antes que compres a sua garrafa de água, deixa-me apresentar as minhas primas da centralidade do Ngonde, vieram passar as férias. — convidou-o Manongo.

Manongo, levou o seu amigo Vitangue até a mesa que estavam as primas, com intuito de fazer com que as férias fossem boas para as primas.

— Primas, desculpem-me pela demora, quero vos apresentar uns dos meus amigos do meu grupo, ele, é um dos mais nervosos do grupo. — disse Manongo fazendo uma pré-apresentação do seu amigo.

— Sem problemas, mano. — concordaram em coro.

— Bom dia, moças lindas! — Vitangue saudou com dois beijos nas bochechas de cada prima.

— Bom dia! — Respondeu Délcia, com um sorriso nos lábios.

— Olá moço. — acrescentou Belza, indiferente a presença de Vitangue.

— Essa é a Délcia, e esta é a Belza, minhas amadas primas. — fez uma pequena pausa, e continuou a apresentação — esse é meu amigo Vitangue. — terminou Manongo.

Meia volta, Vitangue, olhou nas meninas que estavam, em sua frente, levantou a sua cabeça afinou bem os seus olhos castanhos, e direccionou-os na Délcia a Mulata, de lábios carnudos, olhos azuis que desafiavam o

brilho do céu celestial, o corpo bem desenhado, cabelos longos como as fendas da Tunda vala, e lisos como a barriga de uma Jibóia venenosa.

Por outro, ela, tinha seios sensíveis que despoletava sentimentos de arquivos secretos dos homens que suscitavam desejos radicais. Porém, Vitangue, desde então sempre teve queda por meninas com aquele tom de pele, logo, a sua máxima atenção estava direccionada na Délcia. Surpreendentemente, Délcia também ficou em cantada com os olhos castanhos, corpo tonificado, um metro e setenta centímetros de altura e a simplicidade de Vitangue.

Manongo pagou toda conta de modo a satisfazê-los. Vitangue, por alguns minutos conseguia esquecer os problemas dele, por outro lado, estava um pouco desconfortável porque ao longo da convivência, Délcia não parava de olhar, elogiar e também, observava as atitudes deselegantes de Belza para com ele. Contudo, diante do cenário que estava a ser vivido, Vitangue, julgou que tudo iria acabar para ele, e para não acrescentar mais nos seus problemas, decidiu abandonar o restaurante para seguir o seu rumo em busca de soluções para os seus problemas.

— Meu amigo, muito obrigado por tudo, especialmente, pelo momento de convivência e sem esquecer o facto de teres me apresentado essas suas primas bonitas. Mas já é minha hora de partir. — disse Vitangue.

— Não precisas me agradecer, tu és meu amigo. Um dia desses, irei a sua procura para me dares todos os pormenores sobre aquela situação que me contaste — despediu Manongo.

— Queridinho, Vitangue, antes de partir, pode me dar só quinhentos kwanzas para eu comprar saldo, por favor? — pediu Belza.

Vitangue, ouvindo o pedido, dos quinhentos kwanzas, feita pela Belza, coçou com a mão esquerda a cabeça e apertou os dentes sabendo que só tinha no seu bolso duzentos kwanzas da sua vida.

— Olha, minha querida Belza, de momento estou andar sem a minha carteira onde está os meus cartões de multicaixas, fica para próxima. — respondeu Vitangue, com sorriso no rosto.

— Oh! Fala só que não tens uê! Não precisas mentir só já assim. — debochou Belza.

— Belza, para com isso. — advertiu — não incomoda mais o outro. A propósito, já vais tão cedo porquê? Fica mais um pouquinho. — pediu Délcia.

— Olha fofa, eu queria ficar mais um pouco, a vossa companhia está sendo óptima para mim. Mas, tenho que ir resolver alguns assuntos. — respondeu Vitangue, com uma voz sedutora.

— Esta bem então, pelo menos deixa eu te acompanhar até à porta e se possível for, trocarmos de contactos. — sugeriu Délcia simpaticamente.

— Sem problemas, poder ser, Délcia. — consetiu Vitangue.

— Délcia, não achas que estas muito oferecida demais para esse moço de baixo nível, sem classe, insignificantes, pobre, feio e fusco? — desabafou Belza irritada.

— Fica calma prima, não seja grosseira com o Vitangue — aconselhou Délcia.

— Fica calma?! Você precisa de ouvir algumas verdades. — introduziu espumando saliva boca fora — Além do mais, lá no Ngonde ignoraste muitos homens de classe, bonitos e com dinheiro, licenciados, homens com futuro. — continuou Belza.

— Desculpa, não é minha intenção provocar problemas familiares — entrevistou Vitangue em voz tristonha.

— Você já sabe o comportamento daquelas nossas tias, as donas da boca, principalmente a Tia Florinda, a tia Tchizé e a Tia Pouca Py, quando te perguntarem se o Vitangue é teu namorado ou é o teu criado da faxina! Como é que Vaz responder?! — acrescentou Belza.

— Belza, Cala sua boca agora, desta vez estás a ir muito longe demais, e se você continuar a falar mais, vou me zangar com contigo ao resto da minha vida. — ameaçou Manongo.

— Me desculpa, primo! Já não vou falar mais. Só que à Délcia mereceu ouvir isso, ela dá muita raiva. — rematou Belza.

Vitangue, depois de ter ouvido aquelas verdades cruas e nuas, ditas por Belza, triste, levantou-se da mesa e silenciosamente, saiu do restaurante para seguir o seu caminho.

Depois de passar à porta do restaurante, com o corpo todo na rua, apreciava o movimentos dos carros, pessoas, e os passarinhos que cantavam nas árvores, marcou o primeiro passo pensando no rosto angelical da prima de

Manongo, repentinamente sentiu uma mão macia e escorregadia como serpente sobre o seu ombro direito, ele vira-se e vê que era a mão da mulata emblemática Délcia, que de repente o abraçou. Vitangue começou a sentir uma energia que não sabia se era de fonte eólica, solar, hidráulica, geotérmica e nem mesmo humanística. Mas, o certo é que ele, sentiu uma sinergia inexplicável, ouvindo também a respiração profunda de Délcia em seu ouvido.

— Antes de mais, queira me desculpar pela minha prima Belza. — desculpou-se — eu não, sei se gostei de você por ser simples, especial, se é pelo seu falar que me fez ver a sua inteligência, a sua estatura física, se é pelo seu estilo de vida ou pelo seu lindo sorriso ou semblante, eu também não sei — confessou Délcia em voz baixa e dócil.

— Obrigado, pela apreciação, Ma, Ma, Mas! — gaguejou Vitangue com um sentimento de incredulidade nas palavras de Délcia.

— Deixa-me desembuchar o que estou sentindo nesse preciso momento — interrompeu colocando o dedo indicador sobre os lábios de Vitangue. — Olha, Vi. A uma única certeza que eu tenho agora, é que você mexeu com toda minha estrutura interna e externa, conseguiste prender os



meu estímulos voluntários e involuntários — respirou fundo Délcia.

— Eu desde pequeno, sonhei com uma mulher como você, só não sabia que iria aparecer assim na minha vida — Vitangue fez saber seus sonhos.

— Sério, Vi? — perguntou Délcia admirada.

— Sim, sério, Délcia. Eu sei que você é uma mulher de outra galáxia, eu não tenho nível nem classe para estar contigo — contou Vitangue, emocionado.

Vitangue, sem ter como digerir da melhor maneira a situação, e também com receio que se o vissem com à Délcia abraçados no povo de Lukasa, seria acusado de feiticeiro, porque o povo julgava que nem mesmo no exemplo, ele teria condições para ficar com ela.

Vitangue acariciou os lábios de Délcia, pegou na sua cintura fina, fechou os olhos, encostou milimetricamente seus lábios, e quando estava preste a beijar seus lábios, ouviram lá ao fundo.

— Délcia, vamos! Já te disse para não se apegares mais nesse gajo que nem quinhentos kwanzas tem para dar numa mulher — Belza menosprezou Vitangue mais uma vez.

— Délcia, é melhor você ir, não quero te causar problemas, quanto a sua prima, não se preocupa, não vou dar ouvido a ela. depois te ligo e conversamos com mais calma — despediu Vitangue educadamente.

## MÃE — OFICINA DO SABER

\*\*\*

ANDANDO LENTAMENTE, REFLECTIA SOBRE A VIDA E SEUS MISTÉRIOS. Surgiu em sua memória a imagem de sua mãe sozinha, sentada por baixo da mulembeira a moer fuba de milho branco e cantando as canções de sua feliz infância. Aumentou os passos de sua marcha rumo ao colo da mãe.

Posto lá, apreciou a casa pintada com cor laranja e azul, as janelas vidradas, o teto coberto de chapas de zinco, tendo encontrado o portão de cor preto aberto, empurrou com a mão esquerda, colocou primeiro a cabeça para ver quem estava dentro e depois entrou definitivamente.

Quando a sua mãe Cunje, viu Vitangue entrar no quintal, dirigiu-se rapidamente ao seu encontro, gritando em Umbundu: *A suku yangue ove okola*<sup>2</sup>. Trocaram muitos abraços, beijinhos e disseram um ao outro palavras muito amorosas reflectidas no amor que ambos sentiam.

— Seja bem-vindo, meu Vitangue. Eu sempre contava os dias para estar contigo aqui, tu não tens noção o quão é bom, Ene! Estás bem grandinho, filho. — disse a senhora Cunje acariciando as bochechas e as barbas rijas de Vitangue.

— Obrigado, mãe! — agradeceu Vitangue.

— Estás mesmo bem, meu Filho? — perguntou desconfiadamente senhora Cunje.

— Não estou bem, mãe! — introduziu — o pai disse muitas coisas duras, e como se não bastasse, me correu de sua casa, disse para falar a mãe que procure um novo pai para mim. — ao prantos e desolado, Vitangue desabafou.

— Aiê! Aquele desgraçado fez isso?! — exclamou — meu filho, não chore mais, a mãe vai cuidar de ti. — consolou-lhe, senhora Cunje.

---

<sup>22</sup> Meus Deus, és poderoso e milagroso

Mal Vitangue acomodou-se, ouviram o estrondo vindo do portão principal da casa, a mãe Cunje correu até ao portão para saber o que se passava, ao abrir cuidadosamente, foi empurrada para trás pela força do homem a porta. Vitangue correu para amparar a queda da mãe, tarde chegou, pois a mãe sangrava pela boca pelo impacto da queda. Aos nervos, Vitangue começou a gritar para quem estava do outro lado do portão, ao terminar de abrir com força e vontade de lutar, deu de cara com seu pai, respirou fundo, encheu o peito, e cerrou o punho da mão direita. O pai do outro lado do portão, sem camisa, uma catana na mão direita e uma garrafa de cerveja na outra, olhava furiosamente para Vitangue.

— Vou cortejar esse filho da puta! — espumava saliva boca afora, o pai.

— Deixa o meu filho em Paz, seu mais velho aguido. — gritava desolada, senhora Cunje.

Em um golpe de vista, a catana atravessou o peito de Vitangue, cortando-o no peito uma ferida de dez centímetros. Vitangue rolou para o chão e com os pés fez uma rasteira no pai, no chão, os dois rolavam de um lado para o outro, Vitangue impedindo o pai de usar a catana e a

garafa contra si e sua mãe, enquanto o pai mordida seu braço.

— Vou matar esse feiticeiro do Vitangue, sonhei com ele a pilotar, mesmo o meu compadre kimbandeiro Catala, viu no espelho dele que você me amarrou, bruxo de merda! — gritava o pai, enquanto lutava no chão com seu filho.

Os gritos da senhora Cunje despertaram os vizinhos que prontamente socorreram a família em luta, separando o pai do filho, e levaram o pai de volta a casa. Cuidaram das feridas de Vitangue e da senhora Cuje.

Em seguida, a mãe acomodou o seu filho. Viveram muitos meses em orações e motivações para Vitangue superar as situações menos boas da vida. Depois de terminar o ensino médio com muitas dificuldades, Vitangue estava decidido a não voltar a estudar nunca mais.

Dia cinzento, seu aberto e solo cheiroso, a senhora Cunje, tendo poucos recursos, entrou em contactos com vários familiares para mendigar ajuda para fazer com que o seu Vitangue pudesse dar sequência aos estudos.

— Aló, Primo. Como estás? — senhora Cunje, saudou esperançosa.

— Aló sim, prima Cunje. Nós aqui estamos bem, é só já a sua cunhada Caqueleua que tens reumatismo. Mas, já mandei o seu sobrinho Munhango na farmácia comprar pomada para lhe fazer massagem, e vocês aí, como estão — perguntou o primo.

— Éh! Se o reumatismo da minha cunhada Caqueleua não passar com a pomada, manda o sobrinho Munhango para vi buscar algumas plantas que me curou quando também tinha reumatismo. — sugeriu senhora Cunje.

— Está bem, prima, a propósito, eu perguntei como vocês aí estão — replicou a pergunta o primo.

— Nós aqui estamos indo, e também, quero te falar que o seu sobrinho Vitangue está a viver comigo, o pai dele, lhe correu de casa — Respondeu a senhora Cunje com uma respiração atípica.

O primo como era um bom amante de fomentar assuntos radicais sobre a delinquência, em sentido de oportunidade, aproveitou falar sobre Vitangue e crucificá-lo.

— Oh! O meu sobrinho Vitangue, já deixou de ser bandido ou continua na vida de bandido? — começou por

perguntar, e sequenciou — por que da última vez que ele vinha aqui em casa, fez uma confusão e lhe proibi de voltar a pisar os pés aqui — concluiu o tio desconfiado.

— Já sim, o Vitangue não é mais bandido, ele está decidido a tomar um outro rumo na sua vida, esse foi um dos motivos que me fez ligar-te agora. Quero pedir um especial favor no primo para compartilhar só com alguma percentagem para mandarmos o Vitangue em outra província para estudar porque aqui, os seus amigos estão a ser má influência para ele — suplicou senhora Cunje.

— Minha irmã, será que na outra província, não vai piorar bandidagem? O dinheiro da propina não vai desbundar? Epha! É, complicado. — disse o primo desconfiado e séptico, e prosseguiu — olha, nós aqui também, esses dias, estamos apertar os cintos, o tal salário dos professores, já é pouco, e para piorar, ainda atrasa. A minha sogra, também veio viver aqui, e sem esquecer kilapes que tenho. Me desculpa, prima! Não tenho como contribuir — lamentou.

Está bem, Mano. — senhora Cunje, desligou o telefone.



Senhora Cunje, pensou em um plano B. Usou as últimas economias para fazer com que Vitangue fosse em outra província na casa de sua irmã. Antes da partida recomendou-lhe:

— Meu filho, saiba que existe um Deus que está conosco nos bons e maus momentos da nossa vida. Ele, nos cuida e nos abençoa independentemente do que nós somos ou sejamos, pois o que debes fazer nessa nova fase da sua vida, é se entregar totalmente a ele para que tudo na sua vida corra bem. — disse senhora Cunje com os olhos cheios de esperança e amor.

— Está bem, mãe. — Vitangue, correspondeu com a boca e a cabeça as orientações da senhora Cunje.

— Meu, filho. Vai em busca do tempo perdido, mas não gaste o seu tempo em ir a busca de coisas perdidas, ouça mesmo bem isso, meu filho — reforçou o aviso, e continuou — saiba que o conceito de pai do dicionário é totalmente diferente com o da vida real — afirmou a senhora Cunje com toda certeza do mundo e mais alguma coisa.

Vitangue, gesticulou positivamente a cabeça, em função das frases sábias que sua mãe estava a lhe passar.

Ora, ele, levantou-se para ir pegar uma maçã na fruteira que estava sobre à mesa de plástico de cor branca.

— Mãe, muito obrigado por tudo que tens feito por mim, desde o meu nascimento até agora. E de uma coisa podes crer, minha mãe, vou guardar cada palavra e cumprir. — disse Vitangue com um leve sorriso.

A escuridão da noite, convidava a família a recolher, todos foram em seus leitos e dormiram tranquilamente. Mas Vitangue, não conseguiu dormir, pois ansiedade era tanta, até tomar conta do sono dele, e aproveitou terminar de fazer as suas malas, em seguida enviou mensagem de lembrete no seu amigo Salubongo para lhe dar boleia com seu caro até na agência de viagens.

Ao amanhecer do dia da viagem, Vitangue, levantou tão cedo da cama, quando eram cinco horas e nove minutos, abriu a porta do seu quarto, foi para o quarto de banho e fez toda higiene pessoal. Feito isso, pegou nas suas malas colocou-as na sala de estar, enquanto esperava o seu amigo Salubongo, foi até a porta do quarto de sua mãe para despedir, e a mãe, deu numa primeira instância dois mil kwanzas para Vitangue gastar em sua Viagem.

Não passando muito tempo, salubongo chegou, arrumaram as malas no carro, aguardou um pouco, para que seu amigo pudesse despedir-se da mãe. Abraços e beijos, a emoção era visível nos olhos da senhora Cunje, que chorava de saudades de ver partir seu filho.

— Meu filho, não se esqueça de todos conselhos que te passei, tu vais ir viver na casa alheia, saiba que é muito mais fácil você entender os donos de casa, do que os donos de casa te entenderem. Agora vai com Deus e se comporta, filho — despediu a mãe com um abraço demorado.

— Esta bem, mãe. Fiquem bem também. — disse Vitangue apressadamente e subiu no carro.

— Minha velha, fica descansada. Depois disso, so terei um desejo relativamente a ti, mãe querida. Todos os dias, vou pedir a Deus para prolongar os seus anos de vida para um dia, você provar dos frutos da sua planta. — prometeu, Vitangue.

Vitangue e seu amigo Salubongo, partiram e estavam a caminho da agência de viagem, não demoraram tanto, chegaram até a mesma, Vitangue desceu do carro, foi à bilheteira pagou o bilhete de viagem, voltou para o carro, o

seu amigo Salubongo, o ajudou a embarcar, e despediram-se com as seguintes palavras:

— Meu irmão, vai com Deus, eu estou contigo nessa — Salubongo disse com um semblante de tristeza.

— Não precisas por essa cara de tristeza, vamos falar todos os dias através das redes sociais, porque ainda tenho uns trocos para internet — garantiu Vitangue.

## NGONDE

\*\*\*

A VIAGEM CORREU MUITÍSSIMO BEM, depois de oito horas de estrada, ao chegar em Ngonde, Vitangue ligou para sua tia Cangoti, recebeu as coordenadas sobre a casa da tia. Encontrou a casa da tia, que não era pintada, primeiro andar, mas, ainda estava em obra, duas caídas era o modelo da casa, coberta de telhas, sobre o teto tinha uma antena de parabólica, portões de cor castanho e sujos. Atendido pela sua tia que estava á espera dele no portão de forma desdenhada. Tudo porque a tia Cangoti, pensava que Vitangue era o mesmo menino delinquente e, não acreditava na mudança de comportamento repentina de seu

sobrinho. Trocaram muitos abraços, beijinhos e disseram um ao outro palavras de apreço.

— Seja bem – vindo, meu sobrinho Vitangue. Eu contava que não virias hoje, achei que ainda demorarias mais alguns meses! Estás bem grandinho. — disse admirada a tia Cangoti.

— Obrigado, tia Cangoti. Já deixei aquela vida faz tempo, além disso, aquilo também só foi mesmo ilusão daquela fase que eu vivia, mas hoje, já vejo as coisas de outras formas — respondeu humildemente Vitangue, para deixar a tia segura de sua presença.

— Que bom! Me conta ainda, vieste mesmo morar aqui para fazer quantos anos? — Tia Cangoti, perguntou ironicamente.

— Para fazer cinco à quatro anos, devido o curso que vou frequentar na universidade, tal como a mãe disse, tia — respondeu Vitangue, respeitosamente.

Depois da saudação e da pequena introdução da conversa um tanto quanto discriminatória, a tia, imaginando dos vários anos que o seu sobrinho iria fazer em sua casa, e incrédula na aparência e na mudança dele, fez entrar Vitangue, sem acomodá-lo como se deve, em seguida

a tia para não prolongar tanto com muitas conversas foi incisiva dizendo:

— Meu sobrinho, esqueci-me de te avisar, quando conversei com o meu marido, sobre a sua situação, ele não encarou de bom agrado. E, eu não quero criar confusão com o meu marido por causa de ti. — confessou, tia Cangoti.

— Tia Cangoti, não há mesmo como eu viver aqui?! Por favor, tia. Dê-me só uma oportunidade, pois eu só quero estudar e mais nada. — suplicou Vitangue com uma voz afónica e melancólica.

— Meu sobrinho, infelizmente, aqui não vai dar mesmo porque, Também, a nossa casa, já está cheia com muita gente, estamos bem apertadíssimos, sobretudo, na hora de comer, alguns não ficam repletos e a comida que nos temos comprado para o mês só faz duas semanas — acrescentou, tia Cangoti.

Vitangue, ouviu atentamente, todas as palavras, que sua tia proferiu. Pensou rapidamente nos conselhos de sua mãe. Tendo a vida pregado vária decepção a Vitangue, o seu coração ficou blindado, pois quaisquer vicissitudes já não o abalavam mais. Ao ouvir as duras palavras vinda pela sua

tia Cangoti, levantou a cabeça, olhou amargamente nos olhos da tia.

— Está bem, tia. Mais uma vez repito, eu entendo perfeitamente. — respondeu Vitangue, friamente.

— Mas, meu sobrinho, não precisa ficar assim tão frio. A propósito, tu não vais ir ficar porquê na casa da prima Nambi que também vive aqui em Ngonde, acredito que lá estarás melhor. — perguntou descaradamente, tia Cangoti.

— Está bem, tia Cangoti. Como já não tenho opção, acho que é o mais sensato a fazer — respondeu Vitangue com o coração apertado.

Vitangue, motivado mais do que nunca, pegou nas suas malas com ajuda de sua tia, foi acompanhado até no portão, a tia chamou um doble apelidado de “acaba de me matar”, que tinha destino na área onde vivia a sua prima Nambi. O doble chegou, Vitangue embarcou em direcção a casa da prima.

Posto na casa de sua prima Nambi, de cor cinzenta, de construção colonial, portões de cor brancos, e com ar condicionado de marca LG implantados nas salas e nos quartos. Apesar de tudo, definitivamente, ele foi bem



recebido, nos dias seguintes, Vitangue começou a frequentar uma denominação cristã e matriculou-se em uma universidade no curso de Psicologia familiar.

Aos subir os edifícios da universidade, Vitangue passava por muitos jovens bem apresentados, cuja aparência permitia perceber seu estatuto social, encontrou a sala, abriu a porta, e lá estava a professora lecionando sua aula, para não incomodar sentou na última fila. Minutos depois a professora pediu a aluna Délcia, para responder a uma pergunta. Lá no fundo Vitangue ouviu a voz incomparável de Délcia, seu coração acelerou, não queria acreditar que estava na mesma sala com a menina de seus olhos. Observando minuciosamente a colega em posse da fala, viu próxima dela a prima Belza...

FIM

## SOBRE O AUTOR



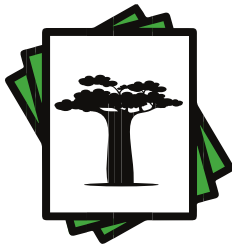
**ARLINDO DANIEL**, nascido aos 3 de Dezembro de 1995, na província do

Bié. Licenciado em Ciências da Gestão, na especialidade em Gestão dos Recursos Humanos, pelo Instituto Superior Politécnico Atlântida (ISPA – Luanda). Desempenha a função de Adjunto da Direcção Administrativa do Instituto Superior Politécnico do Luena-Moxico. É Gestor dos Recursos Humanos, Professor, Palestrante, Poeta, Compositor, Autor, Actor e Instrutor de Teatro e Empreendedor Social.

É Fundador dos grupos Teatrais; Arte Enciclopédica, Arte Eclesiástica, Casa das Artes e do Grupo os Defensores da Opinião Pública do Bié. Foi atleta no escalão de formação da Académia de Futebol Sporting Clube Petróleo do Bié

É co-fundador do projecto: C.Á.T.E.D.R.A. M.A.S. Desenvolve actividades profissionais de formação de cursos técnicos profissionais para diversas franjas estudantil, presta assessoria de Investigação Científica na consultoria Pesa-consultor para estudantes universitários e estagiou na área de Recursos Humanos na Iclubadora de Empresa do ISP-Atlântida.





**A ROBUSTEZ DO CONHECIMENTO**